

ESTRELLA LUNA MUÑOZ

estrella.luna.m@gmail.com

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DE LISBOA, PORTUGAL

DIÁLOGO INTERCULTURAL E INTEGRAÇÃO SOCIAL – COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS NO TRABALHO DOS JOVENS COM OS *MEDIA*

RESUMO

O objetivo deste projeto é criar uma proposta de alfabetização mediática, informacional e de integração social, com jovens de um meio multicultural em situação de exclusão social para implementar em ambientes de aprendizagem não formais. Partiu-se de atividades de diálogo, expressão e comunicação, as quais consistiram na criação de vídeos, entrevistas com a comunidade, notícias, reportagens, cartografias, dinâmicas de grupo, animações digitais, revistas e debates. Sempre esteve presente a temática do eu e do outro para compreender, aprender e respeitar em conjunto as diferenças multiculturais, falar sobre os problemas de exclusão ou de integração que existem, criar diálogo e, assim, promover a interculturalidade para poder ser a base de mudanças sociais. Através da abordagem metodológica de Investigação Ação Participativa e com base na Teoria da Atividade como referencial teórico, o campo empírico do estudo foram 20 jovens entre os 14 e os 18 anos de idade da cidade da Amadora em Portugal, provenientes de famílias de Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde e Guiné. Ao ser um estudo qualitativo, para a recolha e análise de dados foram utilizadas entrevistas individuais e de *focus group*, produtos produzidos pelos jovens, sessões de debates, notas de campo e relatórios pelos mediadores. Este estudo visa uma aprendizagem coletiva e significativa dos jovens, para os ajudar no desenvolvimento de habilidades necessárias para o século XXI e a ter sempre presente a ética, a sociedade e o uso e criação dos *media* com diálogo.

PALAVRAS-CHAVE

interculturalidade; integração social; jovens; literacia mediática e informacional

1. AMBIENTES VULNERÁVEIS, NECESSIDADES E ALTERNATIVAS

Atualmente, os jovens têm a possibilidade de estar conectados à internet, aprender e estudar a qualquer hora ou lugar. Mas o que acontece com as comunidades e ambientes com poucos recursos tecnológicos ou que estão em risco de exclusão social, educativa ou digital? Em janeiro de 2019, no *Global Digital Yearbook (2019)* mostraram que 4.388 milhões de pessoas eram usuários ativos da internet, dos quais correspondem a 57% da população total (7.676 milhões de pessoas). Da população mundial, 43% não têm acesso à internet, o que é uma percentagem muito alta.

Ao serem consideradas as necessidades básicas a saúde, a educação e o saneamento público como as prioridades para pessoas em situação de pobreza ou de baixos recursos, o acesso à tecnologia ou à internet não é uma prioridade. A exclusão social sempre esteve relacionada à pobreza, à migração e à vulnerabilidade, resultado de problemas sociais, culturais, económicos e políticos de uma localidade, comunidade, cidade ou país específico. Muitos projetos de inclusão digital em setores vulneráveis fracassaram porque alguns deles só estão focados em criar infraestrutura tecnológica sem ter em conta programas de atualização e flexibilização com referenciais aos interesses e às necessidades da população. Como referem Wagner e Kozma (2003), o principal problema na literacia informática é a qualidade dos programas na sua relação com as necessidades das pessoas. Assim, qualquer projeto de inclusão digital deve ser integrado junto com as necessidades, os problemas sociais, as barreiras, os tipos de exclusão e vulnerabilidade que a população tem. E também em vez de levar uma infraestrutura tecnológica aos locais vulneráveis em ambientes com exclusão social e digital, seria necessário implementar uma alfabetização mediática e informacional (UNESCO, 2013), que implica o empoderamento dos cidadãos para o uso, o entendimento, a avaliação e a análise do conteúdo informativo e dos meios de comunicação e informação.

Um cidadão de nível económico médio ou alto pode ter alternativas de seleção na sua educação, mas para aqueles com poucos recursos torna-se mais difícil. São estas razões pelas quais é importante gerar ações em ambientes de aprendizagem não formais, porque esses lugares vulneráveis podem ser os únicos ou os poucos espaços onde podem existir e desenvolver atividades de aprendizagem. É aqui que perguntamos como se pode chegar nesses ambientes vulneráveis para promover com os jovens não apenas uma alfabetização mediática e informacional, mas também uma integração social e um diálogo intercultural para gerar respeito, comunicação, diálogo, aceitação e adaptabilidade nas diferenças culturais?

2. DIÁLOGO, EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO PARA UMA INTERCULTURALIDADE

É necessário gerar um diálogo intercultural e integração social na atual diversidade cultural. Cultura é o conjunto de todos os traços, simbologias ou ideias que certos grupos compartilham; atualmente com os movimentos migratórios, há uma grande diversidade cultural, seja pela religião, etnia, género, maneira de pensar, crenças, tradições e/ou costumes. A integração social é um processo para manter relações sociais pacíficas, que envolve comunicação, diálogo, empatia, assertividade, respeito e aceitação pelas diferenças multiculturais:

O objetivo da integração social é criar “uma sociedade para todos”, na qual todo indivíduo, cada um com direitos e responsabilidades, tem um papel ativo a desempenhar. Uma sociedade inclusiva deve basear-se no respeito por todos os direitos humanos e liberdades fundamentais, diversidade cultural e religiosa, justiça social e necessidades especiais de grupos vulneráveis e desfavorecidos, participação democrática e Estado de Direito. (United Nations, 1996, p. 65)

Este projeto enfrenta os problemas do nosso contexto global comum. Vivemos numa sociedade globalizada, com grandes fluxos migratórios e num ambiente multicultural, onde em alguns países fazem falta programas ou estratégias de integração social eficazes. O ambiente multicultural de uma cidade nem sempre significa que haja uma integração das suas diversas populações; é aqui que nascem muitos dos conflitos de aceitação do outro, seja pela religião, cultura, nacionalidade, orientação sexual ou aparência física, a causa pela falta de comunicação e diálogo entre as mesmas.

A multiculturalidade é a diversidade cultural que existe num determinado meio, onde a interculturalidade e a interação é gerada a partir desta multiculturalidade. Interculturalidade é envolver relações entre as diferenças culturais, criar uma troca de comunicação, diálogo e pluralismo com respeito como nas definições antes referidas. A comunicação é a troca de informações entre remetentes e recetores, é uma ou várias formas de interação e transmissão de mensagens de forma eficaz, na qual se gera e se trabalha principalmente uma empatia e assertividade entre os participantes. O diálogo é uma forma de comunicação entre duas ou mais pessoas, é respeitar as opiniões do outro e ser capaz de ter uma comunicação e interação, apesar das diferenças. O diálogo é um promotor para evitar o conflito, a intolerância e a violência. Leva também a um pluralismo, no qual vários grupos sociais podem viver uma vida democrática a partir da

participação, aceitação e reconhecimento das diferentes formas de pensamentos existentes.

A maneira de comunicarmos pode gerar conflitos ou impedi-los. A violência diante das diferenças culturais, da radicalização, da intolerância e do discurso do ódio está cada vez mais presente, “os deslocamentos globais causados por conflitos, situações de violência generalizada, e outros fatores têm atingido o nível máximo histórico” (OIM, 2018, p. 47). Independentemente da origem ou do objetivo das agressões e dos discursos de ódio, seja por interesses económicos, políticos ou de poder, estes cada vez estão mais presentes nos meios de comunicação e informação, o que faz com que os pensamentos negativos e de medo sejam massivamente disseminados e espalhados pela rede.

Se a forma de expressão dos cidadãos e dos governantes é negativa, isso faz com que a interação entre pessoas de diferentes culturas seja também negativa, o que produz uma das causas de guerras entre comunidades, segregação de grupos minoritários, geração de mais violência ou indiferença. É necessária solidariedade, uma visão positiva sobre a diversidade cultural. Ao conhecer as diferenças e também os pontos em comum entre as culturas, pode existir um diálogo e uma comunicação com o outro com respeito e tolerância.

A UNESCO (2009) propõe quatro diretrizes dentro do guia da política intercultural: facilitar as interações culturais; desmascarar os estereótipos culturais e a intolerância; promover uma narrativa comum; promover a liberdade de expressão para perseverar a diversidade cultural. Estas diretrizes sinalizam as principais necessidades das interações culturais que têm de ser desenvolvidas também com os jovens, para promover o respeito, uma liberdade de expressão e uma interculturalidade.

A interculturalidade é uma das principais necessidades atuais; não estamos integrados, ainda existem muitas fronteiras e barreiras sociais conosco e com os outros. Apesar dos grandes esforços para combater estes problemas, ainda vivemos com grandes diferenças provocados pela exclusão social, gerando desigualdade, radicalização, intolerância e a não aceitação do outro nem do diferente.

É necessário ter em mente que a dinâmica da globalização deve ser combinada com as da interculturalidade, que o aprimoramento das competências dos *media* deve incluir atitudes favoráveis em relação à tolerância e à compreensão da diversidade e que a liberdade de expressão deve crescer ao lado de um senso de responsabilidade universal.

A perspetiva de uma homogeneização de identidades deve ser substituída por uma responsabilidade de sustentar a diversidade. (Pérez Tornero & Varis, 2010, p. 124)

Com este projeto mostra-se que é possível viver juntos mesmo com as nossas diferenças. O facto de trabalhar a interculturalidade através do diálogo, sobre as problemáticas que existem no bairro ou na comunidade, mesmas as que são reflexo dos problemas mundiais, compartilhar os pontos de vista dos jovens e encontrar de forma coletiva novas formas criativas para mostrar e tornar visível estes problemas, foram essenciais para trabalhar os valores de respeito, de aceitação e de escuta.

3. METODOLOGIA, PARTICIPAÇÃO E AÇÕES NO ESPAÇO COMUM

O grupo de estudo foi composto por 20 jovens entre 14 e 18 anos, provenientes de famílias de Portugal, Brasil e de PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), como Angola, Cabo Verde e Guiné. Durante o período de três meses (entre janeiro e abril de 2018), as atividades foram desenvolvidas fora do horário escolar, pelo que a participação no projeto foi voluntária para os jovens. Algumas atividades digitais onde foram usados os computadores fizeram-se nas aulas de informática da Escola Secundária da Seomara da Costa Primo, que foi o principal parceiro participante no projeto, pois os jovens envolvidos eram estudantes desta escola. Uma outra parte das atividades foi realizada na rua e nas áreas comuns da localidade da Amadora, em Portugal, caracterizada por ter uma população multicultural, além de ser considerada uma zona com alguns bairros problemáticos e de baixos recursos económicos.

Através da abordagem metodológica Investigação Ação Participativa (IAP) baseada na participação e investigação com os membros de uma comunidade (Kemmis & McTaggart, 2007), procurou-se identificar e fortalecer as estruturas sociais, processos e aprendizagens com os participantes do contexto. Incentivou-se assim a construção e integração do conhecimento e a troca de ações entre todos os participantes e colaboradores do processo de ação, resultando num processo colaborativo tanto no delineamento, na fase de investigação, na fase de análise dos dados e na implementação do projeto. Neste estudo investigou-se (Investigação) uma determinada ação (Ação) e a experiência coletiva gerada a partir da participação (Participativa) dos membros de um contexto específico e as suas relações com o seu quotidiano. Assim *planejou-se, agiu-se, observou-se e refletiu-se* de forma

cíclica e transformadora, com base na espiral dos ciclos autorreflexivos que compõem a metodologia do IAP em relação ao andamento de intervenção e interação direta com os participantes.

Ao ser um estudo qualitativo, foram usados como recursos instrumentais três guiões previamente revistos por especialistas, um guião para a observação durante a implementação do projeto, um para as entrevistas dos mediadores e outro para as entrevistas de *focus group* para os jovens. Os recursos usados para a coleta e análise de dados foram 32 relatórios dos mediadores e do pesquisador, 17 notas de campo do diário de pesquisa, quatro entrevistas a mediadores, oito entrevistas com grupos focalizados, cinco sessões de debate e 28 produtos feitos pelo grupo, com um total de 94 elementos analisados com o programa NVivo.

A Teoria da Atividade (Engeström, 2009) foi usada para a análise da aprendizagem, onde um dos objetivos foi compreender e analisar como as atividades humanas são determinadas por um conjunto de fenómenos sociais, compostos pelas regras, pelas ações e pelos indivíduos da sua comunidade. Desta forma, foram analisadas as relações entre os indivíduos de uma comunidade para um diálogo intercultural e uma integração social com o uso, análise e criação participativa dos meios informativos e mediáticos. Foi feita também uma análise das dinâmicas implementadas, tendo como resultado um conjunto de aprendizagens e transformações que eles adquiriram e não tinham inicialmente. Em relação à dimensão política, os participantes obtiveram maior capacidade de intervenção, participação e transformação a partir da aprendizagem gerada, o que reforçou a consciência social e cultural, o respeito e a identificação dos participantes do projeto e também dos integrantes da sua comunidade.

A partir do uso desta metodologia e no percurso da pesquisa foram desenvolvidas várias questões:

- como é que se pode criar uma alfabetização mediática e informacional e uma integração apesar das nossas diferenças culturais?;
- de que maneira os jovens em ambientes de aprendizagem não formal, a partir da criação dos *media* podem desenvolver um diálogo intercultural?;
- quais são as preocupações, interesses e necessidades dos jovens?

A partir destas questões e do estudo da investigação, ação e participação baseados na experiência coletiva gerada pelos participantes, foi feita uma reformulação e uma reconstrução do que poderiam ser outros tipos

de práticas sociais mais integradoras, onde os jovens pudessem desenvolver uma nova forma de estar onde irão criar um diálogo intercultural e uma integração social do trabalho com os *media*. Ações de que também os mediadores, os professores comunitários ou as escolas podem fazer uso com as devidas adaptações em relação às necessidades de cada contexto como é mostrado no esquema metodológico da Figura 1.



Figura 1: Esquema metodológico para o trabalho dos jovens com os *media*

A partir do conjunto das cinco atividades de diálogo, da expressão e da comunicação (Figura 2), junto com as recomendações de ação (Figura 4), podem ser desenvolvidas competências, habilidades e capacidades (Figura 3) para o trabalho dos jovens com os *media*. Estas ações podem também desenvolver a alfabetização mediática e informacional, o diálogo intercultural e a integração social em ambientes vulneráveis, sempre com a tecnologia básica do lugar e os interesses e necessidades dos participantes.

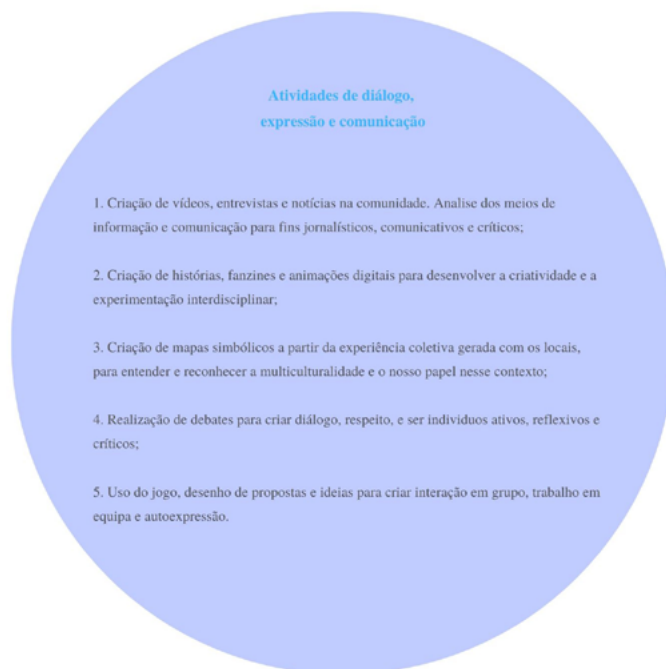


Figura 2: Esquema de atividades e uso de elementos do trabalho com os jovens

A partir do diálogo, da expressão e da comunicação foram desenvolvidas cinco atividades principais (Figura 2). Cada atividade foi desenvolvida durante várias sessões em relação às necessidades do tempo e dos projetos feitos pelos jovens. Foi mostrado, como todos podem criar e atuar em qualquer momento e em qualquer lugar através dos *media*, por isso as atividades realizadas foram sempre com a tecnologia básica que eles já tinham, como um telemóvel, alguns tablets ou câmaras. Eles aprenderam pela prática e, mais do que trabalhar com os *media* e com a técnica, é importante serem críticos e ativos nos processos de análise e criação de informações.

O diálogo e os debates foram ações essenciais para este efeito e o ponto de partida do conjunto do projeto. Trabalhar a autoexpressão e a análise crítica serviu de base para desenvolver com a tecnologia os temas de interesse e os problemas que vivem e têm na sua vida, como: a discriminação, a violência doméstica, a homossexualidade, as fronteiras sociais e culturais, os problemas dos imigrantes, o desemprego, a pobreza infantil, as notícias falsas e os perigos da internet para as crianças.

O facto de enfrentar os problemas reais, não os esconder, falar e ouvir os seus interesses para mostrar e propor soluções e procurar conselhos, incentiva os jovens na expressão, no diálogo e na troca de forma coletiva de diferentes pontos de vista.

Como lhes foi permitido falar de temas que eles escolheram, que lhes interessavam e que normalmente a escola não fala deles, eu acho que eles estiveram interessados (...) eles sentiram que a escola estava perto deles num projeto destes. (Comentário numa das entrevistas das mediadoras do projeto)

Estes temas foram desenvolvidos de forma livre pelos jovens na criação de vídeos, entrevistas e animações artísticas, sempre construídos e criados em grupo e com a participação dos atores do seu quotidiano.

Através da aquisição de ferramentas de convivência e comunicação, o trabalho com a multiculturalidade e as preocupações sociais e culturais que os jovens têm resulta numa forte base para gerar integração social e um diálogo intercultural, onde o uso da tecnologia pode ser utilizado como ferramenta de mudança social.

4. COMPETÊNCIAS DOS JOVENS COM OS MEDIA

Para delimitar as competências necessárias dos jovens com os *media* a partir da investigação realizada, além dos dados resultantes em cada ciclo da espiral dos ciclos autorreflexivos (Kemmis & McTaggart, 2007) foi preciso realizar 21 categorias de análise com as suas subcategorias e níveis. Cada uma conta com as suas características para a análise de cada um dos 94 recursos de dados, como é mostrado na Tabela 1. Na tabela também podemos ver o número de incidências que se referem a cada categoria, incidências feitas pelos jovens, pelos mediadores e pelo pesquisador em cada recurso de coleta de dados.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	SUBCATEGORIAS E NÍVEIS	CARACTERÍSTICAS DE CADA CATEGORIA	INCIDÊNCIAS – NÚMERO DE REFERÊNCIAS MENCIONADAS NOS RECURSOS DE ANÁLISE DE DADOS
Alfabetização mediática e informacional	Uso de ferramentas digitais	Saber como trabalhar com tecnologia, uso de aplicativos de edição de vídeo, foto e trabalhar com ferramenta básica de Office.	83
	Compressão, investigação, análise crítico dos <i>media</i>	Saber como investigar e ter autonomia com o uso dos <i>media</i> . Analisar, interpretar, e ter uma crítica reflexiva da informação e os <i>media</i> . Entender as funções dos meios de comunicação e os provedores de informação, assim também das <i>fake news</i> .	45
	Criação e participação dos <i>media</i>	Ter uma participação ativa por meio da criação de informações, recursos audiovisuais e / ou propostas autônomas nos diversos meios de comunicação, ter participação do cidadão no ambiente digital, informativo ou mediático.	52
Integração social	Comunicação / empatia / assertividade	Boa e eficaz interação e aproximação entre os participantes, a comunidade e os mediadores. Empatia e assertividade com a comunidade.	126
	Respeito e aceitação por diferenças multiculturais	Ser tolerante com as diferenças culturais ou ideológicas, gerar respeito pessoal e grupal e pelo contexto. Ter respeito e reconhecer a diversidade da multiculturalidade, de pontos em comum e também diferenças com o outro ou com os outros.	118
	Debate coletivo	Saber debater, apresentar ideias ou opiniões, saber ouvir e respeitar opiniões diferentes.	85
Trabalho em equipa		Colaboração, cooperação em grupo.	88
Motivação		Interesse, perseverança e vontade dos jovens em atividades.	103
Participação ativa		Participação e iniciativa em atividades ativamente e propor coisas.	118
Liberdade de criação		Liberdade para realizar atividades e propostas sem imposição e sem manipulação.	87
Resolução de problemas, autonomia, tomada de decisão		Resolução dos processos de realização das atividades em sua totalidade com determinação, decisão e autonomia.	66

Pensamento crítico e reflexivo		Ser reflexivo, analisar e avaliar com um conhecimento e argumentação sólida.	88
Expressão plástica, artística, corporal		Todas as atividades que têm a ver com arte, desenho, teatro e auto e expressão coletiva.	35
Criatividade		Curiosidade e imaginação, desejo de experimentar. Perda de medo de criar ou errar para gerar coisas ou conhecimentos novos.	66
Expressão pessoal ou coletiva		Saber expressar sentimentos, ideias, opiniões individuais e coletivas. Comunicar com uma ou mais pessoas de maneira simples e equânime.	98
Diversão		Toda aquela atividade lúdica, que foi divertida e que os participantes gostaram.	43
Propor, sugerir, fazer observações		Capacidade de dar sugestões, fazer propostas futuras, observações de atividades ou ações, tanto pelos mediadores quanto pelos jovens participantes.	30
Aprendizagem gerada	Aprendizagem dos jovens	Geração de aprendizagem individual ou coletiva, conhecimento compartilhado e transformação com jovens.	139
	Aprendizagem dos mediadores	Geração de aprendizagem individual ou coletiva, conhecimento compartilhado e transformação com mediadores.	89
Consciência social e cultural		Conhecimento e informação pré-adquirida ou adquirida no contexto das atividades e o que acontece na sua localidade.	47
Interação entre jovens e mediadores		Modo de interação e relacionamento entre os participantes, os jovens e o pesquisador.	31
Número total de Incidências			1637

Tabela 1: Categoria de análise e incidências

Dentro das categorias mais referenciadas destacam-se: as aprendizagens geradas pelos jovens nas atividades voltadas para a inclusão digital; comunicações eficazes e as interações alcançadas; a participação ativa dos jovens; o respeito e aceitação pela multiculturalidade e o seu contexto; motivação, interesse e perseverança; expressão de ideias, pensamentos e opiniões coletivas e individuais que foram surgindo pelos intervenientes. O facto de haver estas categorias de análise em destaque não significou que fossem mais importantes do que as outras categorias. Isto ajudou na observação e na análise detalhada de cada uma das categorias de análise

junto com os processos de implementação e resultados pontuais das atividades, para assim delimitar o potencial de cada atividade tendo em vista a sua implementação futura e também a delimitação das competências a desenvolver.

Depois da análise dos resultados das categorias e das atividades desenvolvidas pelos jovens com a tecnologia e do estudo das referências teóricas sobre esta temática, pode-se concluir uma série de competências, habilidades e capacidades com as linhas de ação dos jovens através da utilização dos *media* (Figura 3).

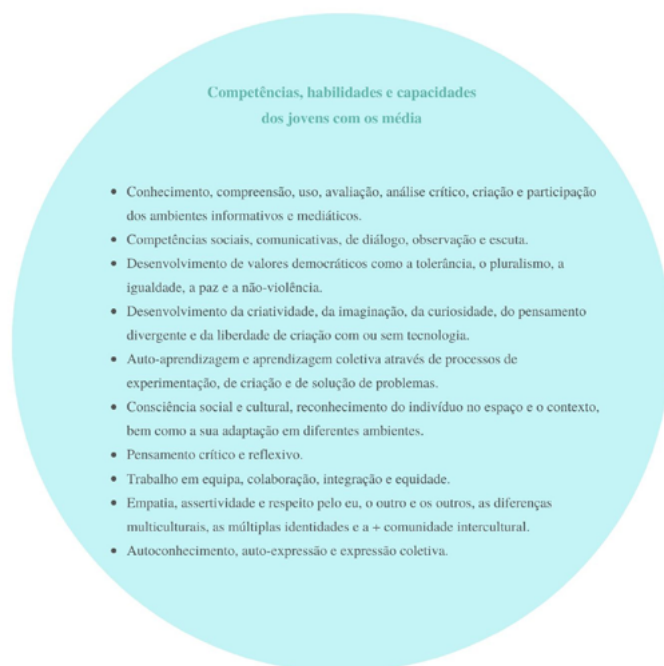


Figura 3: Competências, habilidades e capacidades dos jovens com os *media*

Com base na análise das referências teóricas e documentais e a partir da experiência no campo empírico realizado através das atividades com os jovens e nos resultados obtidos, foram criadas as recomendações de ação mostradas na Figura 4.

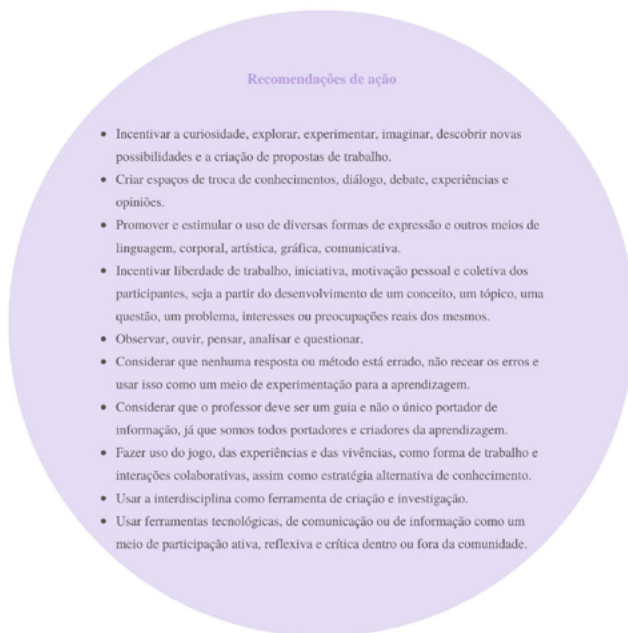


Figura 4: Recomendações de ação

Ao trabalhar e desenvolver ações em relação a categorias e recomendações, é essencial uma integração social e assim uma interculturalidade, apesar das diferenças e das desigualdades que existem. Com o mundo em constante mudança precisamos de cidadãos multiculturais, é necessário que os jovens sejam encaminhados em direções e estratégias de adaptabilidade para a criação de soluções de problemas, criação de alternativas, e estejam preparados para se adaptarem às mudanças que são constantemente geradas no nosso contexto global. Devemos promover atividades para sermos cidadãos digitais, ativos, com pensamento crítico, e criarmos conhecimentos e aprendizagens dentro e fora da escola, com recursos básicos e com espaços comunitários que já existem e assim sermos atores de participação na sociedade.

A partir dos problemas gerados pela globalização e diversidade das identidades atuais questionamos, assim como Touraine (2000), se podemos realmente estar integrados neste mundo de conflito, nesta sociedade cada vez mais dividida? Podemos viver juntos com nossas diferenças e os nossos pontos em comum? Podemos viver na mesma sociedade sem nos ignorarmos ou sem violência?

Todas estas questões fazem-nos refletir sobre os vários fatores condicionantes de uma convivência intercultural. O que realmente precisa de ser feito é transformar as vivências da experiência pessoal e coletiva que temos, apesar das nossas diferenças e pontos em comum; uma mudança onde seja necessário criar ações que possam levar-nos a conhecermos uns aos outros e assim podermos realmente viver juntos. Este seria um dos passos para criar uma integração social.



Figura 5: Notícia feita por dois dos jovens participantes, como conclusão e opinião das atividades

É necessário promover a capacidade do indivíduo em adaptar-se a diferentes contextos sociais e ideológicos, mas com respeito pelos outros, recetividade e, acima de tudo, aprender a escutar. Precisamos de um novo humanismo que defenda uma sociedade mais inclusiva. “O novo humanismo na sociedade da comunicação global deve priorizar um novo senso de respeito pela multiplicidade e diversidade cultural e deve apoiar o desenvolvimento dos *media* com o objetivo de consolidar a nova cultura da paz” (Pérez Tornero & Varis, 2010, p. 25).

É uma prioridade compreender e conhecer o eu, o outro e os outros através da comunicação, do diálogo e do trabalho multicultural para criar a interculturalidade. Conhecer as múltiplas identidades e também sabermos desprendermo-nos das mesmas e dos preconceitos, ajuda-nos a desenvolver competências essenciais para esta era de transformações, desenvolver

um caminho para uma interculturalidade a partir da multiculturalidade. Também participar desde o nosso contexto, ter consciência social e cultural, entender os nossos problemas e dificuldades sociais é a base fundamental para gerar um pensamento crítico. Criar um diálogo entre os jovens com a comunidade é essencial para envolvê-los na sociedade. Construir, desta forma, uma rede de aprendizagem coletiva com a tecnologia é uma chave para gerar mudanças sociais atuais e futuras, bem como desenvolver uma aprendizagem ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

- Engeström, Y. (2009). Expansive learning: toward an activity-theoretical reconceptualization. In K. Illeris (Ed.), *Book Contemporary Theories of Learning* (pp. 53-73). Abingdon, Oxon: Routledge.
- Global Digital Yearbook*. (2019). Retirado de <https://wearesocial.com/uk/digital-2019>
- Kemmis, S. & McTaggart, R. (2007). Participatory Action Research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Strategies of Qualitative Inquiry* (pp. 271-330). Thousand Oaks: SAGE Publications.
- OIM, Organización Internacional para las Migraciones. (2018). *Informe sobre las migraciones en el mundo 2018*. Ginebra: OIM. Retirado de https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2018_sp.pdf
- Pérez Tornero, J. M. & Varis, T. (2010). *Media Literacy and New Humanism*. Moscovo: UNESCO Institute for Information Technologies in Education. Retirado de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000192134>
- Touraine, A. (2000). *Can we live together? Equality and Difference*. Stanford: Stanford University Press.
- UNESCO. (2009). *Investing in cultural diversity and intercultural dialogue*. Retirado de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755>
- UNESCO. (2013). *Global Media and Information Literacy Assessment Framework: Country Readiness and Competencies*. Retirado de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000224655>
- United Nations. (1996). *Report of the World Summit for Social Development*. Retirado de <https://undocs.org/A/CONF.166/9>

Wagner, D. A. & Kozma, R. (2003). *New technologies for literacy and adult education: A global perspective*. Filadélfia: International Literacy Institute, University of Pennsylvania.

Citação:

Luna Muñoz, E. (2019). Diálogo intercultural e integração social – competências necessárias no trabalho dos jovens com os *media*. In S. Pereira (Ed.), *Literacia, Media e Cidadania - Livro de Atas do 5.º congresso* (pp. 188-203). Braga: CECS.